

O PUXA-SACO

Aqui, Ali & Acolá

Bajular, [do latim bajulare, baiolare, "carregar às costas"], significando lisonjear, adular servilmente, sorrabar, sabujar, é um verbo comum a todos os idiomas.

Na língua portuguesa falada no Brasil. Machado de Assis em *A SEMANA*, II (Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1953, p. 53) usou o verbo bajular: "Não haveria partido que me atacasse, que me espiasse, que me caluniasse, nem partido que me bajulasse, que me beijasse os pés". Marques Rebelo, por sua vez. em *A MUDANÇA* (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962, p. 69), já usou o substantivo masculino bajulismo: "Seu Amilcar, bedel, gordo e vermelho, ficou célebre pelo bajulismo ao diretor". Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu conhecido *NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA*, em sua 2a. ed. e 13a. impressão (Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1986), além do verbo bajular também registra, sorrabar, sabujar, com a mesma significação, bem como vários adjetivos e substantivos gerados por esses verbos.

A mecânica da língua portuguesa falada no Brasil, onde se enriqueceu, fez com que o verbo bajular gerasse o adjetivo bajulador que, graças à inventiva e à criatividade próprias do nosso povo, fosse responsável por vários sinônimos não somente interessantes como até mesmo pitorescos, que tornaram a nossa língua e, conseqüentemente, os nossos dicionários mais completos ainda.

Temos, assim, vários sinônimos de bajulador, entre os quais corta-jaca, que acredito ser um dos mais antigos, originário de Pernambuco e Alagoas, conforme o registro de Aurélio Buarque de Holanda, no seu dicionário. O sinônimo corta-jaca serviu de motivo ao tanga *CORTA-JACA/O GAÚCHO*, ou vice-versa, que Chiquinha Gonzaga compôs em 1897 para a revista musical *ZIZINHA MAXIXE*, tanga que foi gravado pela primeira vez, ao que consta, em 1910, pelo selo Colúmbia, em 78RPM, nº 11.721, tendo subseqüentes prensagens.

Depois de corta-jaca, apareceu o termo chaleira, que ainda hoje continua sendo bastante usado, principalmente no Nordeste. A origem desse sinônimo tem a seguinte explicação: Pinheiro Machado, conhecido político gaúcho, mesmo morando no Rio de Janeiro por força de suas atividades partidárias, nunca desprezava o uso diário do chimarrão. E toda vez que dava vontade de matar a saudade de seus pagos, costumava dizer: - "Agora está na hora do chimarrão!" E os seus seguidores políticos saíam correndo, cada qual querendo ser o primeiro a trazer a chaleira de água quente para o preparo da infusão. Antenor Nascente (*O LINGUAJAR CARIOCA*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1953), além de outros lexicógrafos, também registra o termo largamente usado no Brasil até hoje. Mauro Mota (*O PÁTIO VERMELHO*. Rio de Janeiro: Edições Orfeu, 1968, p, 59), usou o verbo chaleirar: "Entende só de burocracia, de chaleirar todo governador que chega".

Outros sinônimos de bajulador foram surgindo, no decorrer dos anos, procedentes das mais lingüisticamente diferentes regiões brasileiras, sinônimos que continuam na boca do povo, divulgados pela televisão, pelo rádio, pelas revistas e jornais, principalmente pelos migrantes nordestinos que, acossados pelas estiagens prolongadas, se espalharam pelo país, permutando não somente seus costumes, sua música, seus hábitos alimentares, suas credices e até mesmo sua linguagem. Em decorrência dessa migração, temos, como sinônimos de bajulador: baba-ovo, enxuga-gelo, xeleleu (Rio Grande do Norte), lambaio, babão, cafofa, incensador, lambeta,

lambeteiro, louvaminheiro, sabujo, xereta, cheira-cheira, lambe-botas, chupa-caldo, capacho, lambe-cu, cheira-cu, engomador (Raimundo Nonato. CALEPINO POTIGUAR. Mossoró/RN, 1980), corrente no Rio Grande do Norte. Mas não são somente estes os sinônimos de bajulador usados no Brasil. Outros também existem à disposição de uma pesquisa de maior âmbito, de maior profundidade.

Os bajuladores, que comemoram o Dia do Puxa-saco cada 13 de setembro, andam por aí, à solta, em toda parte. Talvez o de uso mais atual e mais generalizado seja mesmo puxa-saco, principalmente depois de haver sido usado na marchinha de carnaval O CORDÃO DOS PUXA-SACOS, da autoria de Eratóstenes Frazão e Roberto Martins, gravada em selo Odeon nº 80.0342, lado B, pelo conjunto vocal Anjos do Inferno na década de 60 e que ainda hoje anima os carnavais brasileiros:

- "Iaiá me deixa subir essa ladeira

Eu sou do bloco. mas não pego na
[chaleira! (Bis)

Lá vem o cordão dos puxa-sacos
Dando viva aos seus maiores
Quem tá na frente é passado para trás
E o cordão dos puxa-sacos cada vez aumenta
[mais.

Vossa Excelência, Vossa Eminência
Quanta reverência nos cordões eleitorais
Mas se o doutor cair do galho e for ao chão
A turma toda evolui de opinião.

E o cordão dos puxa-sacos cada vez aumenta
[mais!"

O verbo bajular consta do dicionário de todas as línguas faladas no mundo. Na Arábia. o bajulador é mamafeq, segundo me informou a pesquisadora Sorava Giovanetti EI-Deir. Na França, a professora Danielle Perrin Rocha Pita, da Universidade Federal de Pernambuco, me disse que o puxa-saco lá é o leche-botte. No Japão, o professor Yoshihiro Arai, do Institute of Technology, de Yokohama, adiantou que o verbo bajular, na sua língua, é heturau e abbecca é bajulação. Na Inglaterra, o verbo bajular, como também acontece em todo o mundo de fala inglesa, é to flatter. Na sua gíria, os sobrinhos do tio Sam usam a expressão soft-soap e browndose para denominar o baba-ovo. Em Cuba, no México, na Argentina e na quase totalidade do mundo espanhol, o chaleira é o chupa-média, de acordo com o que observou Anatailde Crespo em suas andanças. Na Itália, Rejane Pinto registrou o termo piaggiatori com o mesmo significado. A jovem-guarda alemã, segundo me contou a menina-moça Marietta Allgayer-Kaufmann, de Königin, usa o termo schleimer para designar os puxa-sacos germânicos.

Conforme me foi dado observar, a expressão lambe-bota, usada no Brasil (e Aurélio registra) também é usada na França (leche-botte), nos Estados Unidos (boot licker), em Portugal (segundo Guilherme Augusto Simões, no seu DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES POPULARES

PORTUGUESAS. Lisboa: Perspectivas & Realidade. 1984).

No Brasil, ficou muito conhecida aquela estória do puxa-saco a quem o então presidente Getúlio Vargas perguntou as horas, certa feita, no aeroporto. O puxa-saco olhou o relógio e, sem pestanejar, informou assim: - "São as horas que Vossa Excelência desejar, Senhor Presidente!" E o presidente Vargas, sempre bonachão, sempre com um sorriso nos lábios, retrucou: - "Pode botar seu relógio fora, menino! Ele é de muito má qualidade..."

Tem, também, a estória daquele funcionário público que era tão puxa-saco, tão puxa-saco que, um dia, chegou na repartição, entrou no gabinete do chefe e, ofegante, explodiu:

- "Sabe, meu chefe, estou muito contente, muito feliz, mesmo. É que a mulher deu à luz ontem. Só queria que o senhor visse: é a sua cara, chefe!"

Raimundo Magalhães Jr., no seu Dicionário de Provérbios, Locuções, Curiosidades Verbais, Frases Feitas, Etmologias Pitorescas e Citações (Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, s/d., p. 283), nos aponta uma possível origem da expressão puxa-saco: "A expressão parece ter nascido da gíria militar, na época em que os oficiais, em viagem, conduziam sacos de roupas, que os ordenanças carregavam com a maior humildade".

Da gíria militar para a linguagem popular brasileira foi um salto.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *O Puxa-saco: aqui, ali e acolá*. Recife: CEPE, 1993.146p.